

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos o presente número da Revista Textura. Na publicação intitulada, “*Infâncias, Juventudes e Cultura Digital: articulações com a educação*” foi nosso interesse reunir artigos científicos, oriundos de estudos e pesquisas, que deem visibilidade às infâncias e às juventudes e suas interfaces com as produções midiáticas da Contemporaneidade. Os artigos propostos nesse número convidam os/as leitores/as a refletirem acerca de temas como as tecnologias digitais, a convergência midiática, as interpelações ao consumo e as formas de comunicação e expressão que mobilizam as crianças e os/as jovens no contexto da cibercultura, forjando suas condutas e identidades. Desse modo, potencializam o pensar sobre os modos de ser, viver e aprender dos referidos grupos geracionais, examinando e problematizando a inserção dos sujeitos escolares nos mundos virtuais de aprendizagem e seus efeitos para os currículos das instituições formais de ensino.

Os/as autores/as que integram esta obra, ao investigarem a infância como uma categoria *inventada*, possibilitam questionar verdades instituídas no decurso de Modernidade e que associam as crianças às ideias de resguardo, dependência, ingenuidade e inocência. Isso porque, ao focalizarem as interações que as crianças estabelecem com as mídias digitais e como se apropriam de suas linguagens e funcionalidades, tais pesquisadores/as explicitam as incontestes relações entre as experiências de infância e as condições que caracterizam o tempo presente, incluindo a constante atualização dos modos de acesso à informação, de atribuição de sentidos e das formas de comunicação e entretenimento que permitem a crianças e adultos compartilharem significados e práticas sociais.

Como sugerem os estudos reunidos nesta coletânea, o esmaecimento de fronteiras que outrora delimitavam os certames da infância está atrelado à emergência de um novo ambiente informacional inaugurado pela televisão e intensificado pela internet. Essas transformações também produzem efeitos na juventude, categoria geracional que se torna cada vez mais flexível e desprendida das rígidas classificações etárias, passando a significar um modo de existência, segundo o qual torna-se inescapável a participação e o trânsito dos sujeitos em sites de redes sociais, aplicativos de mensagens e jogos virtuais. Não restam dúvidas de que a imbricação entre espaços *online* e *off-line*, que se mesclam e hibridizam os modos de vida, constitui uma característica que requer atenção

por parte de professores/as e de pesquisadores/as interessados em compreender os desafios educacionais contemporâneos.



E é nesse sentido que o presente Dossiê se nutre de potentes ferramentas analíticas e metodológicas, que se propõem em investigar as infâncias e as juventudes vivenciadas de múltiplas e variadas formas no contexto atual, sem desconsiderar os efeitos dos processos de globalização econômica e cultural, articulados à proliferação das mídias digitais, que promovem aproximações entre as vivências e os significados compartilhados por crianças e jovens que vivem habitam diferentes territórios e integram grupos sociais heterogêneos. Nessa perspectiva, Para além de simples instrumentos pedagógicos e de inspiração profissional, o que por si já seria (e é) um movimento reflexivo urgente e oportuno, os artigos aqui apresentados, socializam estudos empreendidos em nosso país e no exterior, e têm como marca distintiva o compromisso com os sujeitos aos quais remetem suas análises: as crianças e os/as jovens que vivem, (re)produzem e ressignificam a cultura digital e midiática da Contemporaneidade em contextos de recepção e mediação cultural diversos.

Os/as estudiosos/as que aqui socializam suas análises, de modo provocativo e propositivo, nos convidam e nos desafiam a compreender, ainda que provisoriamente, como determinadas redes de poder/saber se propagam com e através das mídias digitais, construindo e exercitando diferentes modos de ser criança e jovem na atualidade. Nessa direção, os/as autores/as conectam e articulam suas reflexões aos processos educativos, examinando a constituição das infâncias e das juventudes em correlação com as formas de consumo midiático e suas repercussões nos espaços formais de ensino que se ocupam da educação das novas gerações.

Com a intenção de sistematizar a apresentação dos artigos, organizamos o Dossiê em três eixos que abarcam temáticas afins. Importa ainda salientar que os textos refletem a pluralidade de ideias, de perspectivas teóricas e mobilizam interpretações multidisciplinares, esforço cada vez mais necessário diante da complexidade dos fenômenos que envolvem as infâncias e juventudes num tempo marcado pelo reconhecimento e exaltação das diferenças.

Sendo assim, o primeiro eixo, intitulado **Cultura Digital e Educação: aproximações e provocações**, contempla três importantes artigos que inauguram o Dossiê e encaminham o debate desta seção. No artigo “*O dispositivo digital Whatsapp e o impacto na criação de comunidades virtuais de aprendizagem*”, José Antônio Marques Moreira e Sara Dias-Trindade discutem o modo como, nas sociedades atuais, as tecnologias móveis invadem o nosso cotidiano. Para

essa proposta, analisam a plataforma de mensagens instantâneas - *WhatsApp* - com o intuito de demarcar o modo como ela propaga o acelerado desenvolvimento de comunidades virtuais. No artigo “*O lugar da educação na cultura digital: esboços de crianças e jovens digitais*”, o autor Sandro Bortolazzo discute a relação entre a emergência da Cultura Digital e o modo como a mesma tem propiciado outras formas de compreender a Educação Para tanto, discute sobre a idade de crianças e jovens os compreendendo como *experts* tecnológicos do nosso tempo e sobre as formas culturais afinadas a um regime tecnológico que se gera e propaga. Encerramos o primeiro eixo com o artigo “*Fórum de discussão como estratégia pedagógica na formação de professores/as: problematizando as infâncias contemporâneas e a reinterpretação dos produtos culturais pelas crianças*”. Nele, as autoras Joice Araújo Esperança e Dinah Quesada Beck apresentam reflexões desencadeadas no desenvolvimento de uma disciplina vinculada a um curso da modalidade a distância, enfatizando o espaço dialógico e interativo dos Fóruns de discussão como possibilidade de desnaturalização e resignificação das concepções dos/as acadêmicos/as acerca das crianças e de suas experiências com os artefatos da cultura digital.

No segundo eixo, nomeado **Produção das juventudes, mídias digitais e mediações culturais**, encontram-se quatro artigos que se ocupam de tais temáticas enfatizando alguns de seus desdobramentos. Nesse sentido, Mateus Souza Santos, Lucia Isabel da Conceição Silva e Tatiene Germano Reis Nunes, no artigo “*Juventude e Acesso digital: reflexões sobre o uso da internet por jovens estudantes do município de Belém*” discutem e analisam o acesso e a inclusão digital de jovens estudantes de escolas públicas, estabelecendo um debate sobre como se dá relação desses sujeitos com a internet. Os achados do estudo apontam para um paradoxo entre o uso da internet pelos jovens e o contexto escolar, suscitando a discussão sobre o processo de exclusão digital. No artigo de Evandro dos Santos Nunes e Luiz Felipe Alcântara Hecktheuer, denominado “*Projeto BGV Rolezinho: uma estratégia digital biopolítica para gerência da juventude na cidade do Rio Grande/RS*” os autores problematizam o referido projeto compreendendo suas estratégias digitais como artifícios para o governo dos/as jovens do bairro em questão, numa tentativa de gerir homicídios e reduzir o interesse da população pela drogadição e criminalidade. No texto “*Juventudes, educação e cidade: a mediação dos dispositivos móveis de comunicação nos processos de aprender-ensinar*”, Helenice Mirabelli Cassino Ferreira e Dilton Ribeiro Couto Junior abordam a relação dos dispositivos de comunicação no processo de ensino e aprendizagem das juventudes contemporâneas. A pesquisa demarca que, através de *smartphones*,



os/as jovens/as elaboram textos trazendo signos da hipermídia, o que sinaliza que os dispositivos móveis envolvem as pessoas em processos de aprendizagem na sua interface com a cidade. O segundo eixo finaliza com o artigo *“Espaços de participação na produção audiovisual de jovens estudantes na escola”*, no qual as autoras Karine Joulie Martins e Mônica Fantin discutem a convergência dos meios de comunicação digital que se materializam através de equipamentos compactos que facilitam a produção audiovisual nos contextos escolares.

Por fim, o último eixo, intitulado **Crianças, Infâncias e artefatos digitais da Contemporaneidade**, congregam artigos que se ocupam e articulam duas esferas: a construção das culturas de infância em interação com as Tecnologias Digitais, as quais mobilizam formas de entretenimento, aprendizagem e comunicação que constituem os modos de ser criança no presente. No artigo intitulado, *“Compartilhando sabedoria! Sentidos atribuídos às tecnologias por crianças”* a autora Viviane de Bona discute os sentidos e as compreensões das crianças quanto ao uso de artefatos tecnológicos em seu cotidiano infantil, o que representa o *‘ethos tecnológico’* que as mesmas incorporam em suas vivências. No artigo *“A Literatura Infantil na tela: um olhar para o aplicativo criancinhas”*, Patrícia Corsino e Rafaela Vilela tecem considerações sobre literatura digital infantil, enfatizando o olhar sobre suas características, recursos e funcionalidades a partir do referido aplicativo, artefato de estudo e pesquisa. As autoras problematizam o potencial que esses recursos têm de provocar outras sensibilidades e reflexões nos seus/suas leitores/as. Em *“Cultura Digital e Infâncias: articulações entre crianças, drag queens e Educação”*, Cristiano Eduardo da Rosa e Jane Felipe tomam como *corpus* discursivo a história de *Desmond Naples*, uma criança estadunidense de dez anos de idade que se monta como *drag queen* e tem se constituído como celebridade na internet e sites de redes sociais. A autora e o autor tencionam o fenômeno e problematizam sua performatividade no ciberespaço, trazendo à tona o conceito de *scripts* de gênero para compor a discussão. Por fim, o artigo de Karla Saraiva e Deborah Gonzales, designado *“Corporeidades no aplicativo POU”*, apresenta dados de uma pesquisa que foi realizada com crianças usuárias do aplicativo supracitado, problematizando os processos de generificação e os cuidados com o avatar. O estudo aponta para os conceitos de gênero, saúde e beleza tão presentes em nossa cultura contemporânea e que atravessam não apenas os cuidados das crianças com o Pou, mas que também são celebrados pelas próprias crianças em seus corpos.

Almejamos que os textos aqui reunidos desencadeiem profícuas leituras e interpretações sobre as Infâncias, as Juventudes e suas interfaces com a Cultura

Digital. Esta obra se converte num convite aos/às leitores/as, para pensarem as experiências das crianças e dos/as jovens contemporâneos de outros modos, para que coloquem suas verdades em xeque e não hesitem em interrogá-las.



DINAH QUESADA BECK

JOICE ARAÚJO ESPERANÇA